

Economista aponta saída para dívida

Economista Luis Fraga *Brasil*

Fortaleza — A situação dos países devedores latino-americanos frente a seus credores internacionais não é tão frágil como muitos pensam e o poder de fogo desses devedores — mesmo tendo às costas uma dívida de mais de 300 bilhões de dólares — tem muito mais campo de disparo do que até agora se tem afirmado. Para exemplificar esta tese, apresentada ontem na XIV Assembléia Geral Ordinária da Associação Latino-Americana de Instituições Financeiras de Desenvolvimento (Alide), o economista Elcio Costa Couto, ofereceu exemplos comprovados por uma insuspeita fonte norte-americana, o Data Resources INC.

12 MAI 1984
De acordo com esses dados, se apenas a Argentina (dívida: 40 bilhões de dólares) e o Brasil (dívida: 90 bilhões de dólares) decidissem não pagar suas dívidas, por um mecanismo qualquer, isso significaria para os Estados Unidos um dano dramático, apesar dessa dívida conjunta de 130 bilhões de dólares estar apenas vinculada em vinte e cinco por cento a bancos norte-americanos (o restante 75 por cento a bancos japoneses e europeus). Pois o dano para os Estados Unidos seria, somente, o seguinte: queda de 30,2 bilhões de dólares no PIB, queda de 17,2 bilhões de dólares nas exportações, desemprego de quase meio milhão de norte-americanos, aumento do déficit orçamentário dos EUA em 10,2 bilhões de dólares e, tudo isto, sem contar que a taxa de juros subiria 0,74 por cento. Claro que estes números são meros trabalhos estatísticos e a estatística é mais para ser pensada do que para ser seguida à letra.

Segundo Elcio Costa Couto, os países latinos devem, com urgência, encontrar os meios de voltar a crescer. "O desenvolvimento desses países já está comprometido pelos sucessivos anos de recessão que vêm experimentando". "A recuperação dos níveis absolutos do PIB e relativos de renda per capita exigirá, agora, vários anos futuros de esforço adicional de investimentos desses países. O problema da dívida dos países da América Latina tem que ser resolvido com a expansão e não com o estancamento". Deu prioridade ao controle da inflação, mas recomendou uma reação enérgica dos devedores contra os esforços dos países industrializados para sufocar todas as tentativas de recuperação, afirmando que os devedores não podem permitir que suas dívidas continuem a crescer.

A solução, portanto, está mais nas mãos dos devedores do que dos credores, oferecendo para isso, mais algumas informações estatísticas — para serem pensadas, claro: a cada ponto percentual (um por cento a menos) de queda na taxa de juros do eurodólar, os países em desenvolvimento poupam mais de dois bilhões de dólares por ano, segundo o presidente do Banco Mundial, a cada um dólar de queda no preço do barril de petróleo se reduz o gasto anual de importações desses países em outros dois bilhões de dólares; é bastaria a redução de três pontos percentuais na taxa de juros e uma melhoria de dez por cento no preço das exportações para que o déficit atual em corrente de vinte dos países com maior dívida externa desaparecesse totalmente.